



A VISÃO ROMÂNTICA DO TURISMO NO CONTEXTO DA PÓS-MODERNIDADE: OS INTERCÂMBIOS DE HOSPITALIDADE

Raquel Farias Stern¹

Resumo: O presente trabalho se propõe a discutir um nicho do turismo e da hospitalidade que vem crescendo vertiginosamente nos últimos anos: as redes de intercâmbio de hospitalidade. Tendo encontrado terreno adequado no contexto pós moderno, essas organizações têm como sustentação a confiança mútua entre seus membros e como objetivo transformar as relações interculturais, vislumbrando através do turismo um caminho para paz. O estudo se justifica por tratar de um objeto ainda relativamente recente e pouco discutido. Para tal será feita uma análise a partir da bibliografia existente nos campos de hospitalidade, pós-modernidade e confiança, além das escassas fontes que abordam as redes de intercâmbio de hospitalidade.

Palavras-chave: Pós-Modernidade; confiança; intercâmbio de hospitalidade.

1. INTRODUÇÃO

A idéia da utilização do turismo como instrumento para a paz, através do intercâmbio cultural, não é algo inédito na história deste fenômeno. Nos discursos acerca do assunto, em meados dos anos 50, eram ressaltados seus aspectos positivos e o turismo chegou a ser alçado ao posto de “embaixador da paz”. A crença no potencial do fenômeno turístico era tanta que foi declarado “força vital para a paz mundial” pela Conferência Mundial do Turismo, realizada em Manilla e apontado pela Primeira Conferência Global: *Turismo – Uma Força Vital para a Paz*, em Vancouver, como maior movimento em tempo de paz da história da humanidade por envolver pessoas, sua cultura, economia, tradições, herança cultural e religião. (AS, John & VAR, Turgut, 2001: 67 apud GOMES, 2008).

¹ Graduada em Turismo pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, no primeiro semestre de 2009. Trabalho de Conclusão de Curso: Turismo e Pós-Modernidade: uma Análise do Intercâmbio de Hospitalidade- O Caso do *CouchSurfing* < raquelstern@gmail.com >

No entanto, com a identificação do turismo como uma fonte de renda “fácil”, alta e a curto prazo, fez com que este fosse implementado em diversas localidades sem um planejamento adequado. Conheceu-se então os problemas causados pelo turismo de massa nas comunidades receptoras o que fez aquela visão do fenômeno passar a ser considerada utópica, a partir da década de oitenta, refletindo na produção acadêmica da época. Barreto observa problemáticas do convívio social como xenofobia e colonialismo cultural repetidas em uma atividade com relações interpessoais baseadas na lógica mercantil. A implantação do turismo pela ótica capitalista, como se deu em diversas localidades, transformou a imagem deste, visto por muitos estudiosos como “mal necessário”. (BARRETO, 2004).

Dentre os desdobramentos do turismo na pós-modernidade – entre eles o pós-turismo definido por Molina, e que segue o caminho oposto, de afastamento da sociedade – estão os intercâmbios de hospitalidade, nos quais se observa um resgate da visão romântica de outrora. Mais uma vez o turismo é apontado como caminho para atingir-se a paz, tendo como instrumento a interação entre povos e o intercâmbio cultural.

Haico Mulder e Tomas Viguurs definem rede de hospitalidade como “uma rede que quer unir pessoas que compartilham interesses com objetivo de oferecer hospitalidade entre eles em um sistema de portas abertas”, sendo que esse significado pode ser levado tanto literal como figurativamente. Isto porque de fato são abertas as portas para receber o viajante como podemos pensar no ato intangível de abrir as portas para outras culturas, hábitos e normas. Se estas duas interpretações são contempladas por um sistema, podemos dizer com segurança que se trata do objeto de estudo aqui pretendido. (Mulder et Viguurs, 2001. p.4)

Nestes sistemas, os membros se dispõem a hospedar turistas em sua própria casa, sem nenhum encargo financeiro, tendo como foco a interação sócio-cultural. A suposição é que o fato de a hospedagem ser a própria casa de um morador do destino visitado proporcionaria ao turista uma experiência mais próxima e um conhecimento mais aprofundado da realidade e da cultura local, divergindo da definição de Copper (2001), segundo a qual “hospitalidade é oferecer segurança as pessoas, considerando conforto físico e psicológico em troca de pagamento” (COOPER apud CRUZ, 2002, P. 40).

Em um momento histórico em que a liberdade é valorizada de tal forma que riscos são aceitáveis, e a segurança perde apelo, nada mais plausível do que o surgimento de sistemas como estes que se baseiam na confiança, no receber completos estranhos como amigos, atingindo um grau de hospitalidade para além da simples provisão de conforto.

O presente estudo é um desdobramento de trabalho anterior acerca das redes de intercâmbio de hospitalidade, partindo de aspectos apontados em suas considerações finais,

que constatou ser a confiança o pilar de sustentação das redes de intercâmbio de hospitalidade e que, ainda que seja um tanto quanto utópica a crença de que através do encontro intercultural alcançar-se-á a paz mundial, é certo que esta troca é benéfica para o entendimento entre os povos, passo fundamental para este objetivo maior.

2. O CONCEITO DE CONFIANÇA E SUA APLICABILIDADE NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

Em um primeiro momento faz-se necessário definir confiança e apontar o caminho a ser tomado neste trabalho. As variações de definições são resultado das diferentes esferas de conhecimento que se debruçam sobre esse termo, sendo recorrentes as referências as questões de risco, incerteza e expectativa, que serão desenvolvidas ao longo do texto.

Mesmo uma definição econômica pode ser facilmente convertida para a esfera pessoal, que é o foco deste trabalho. De acordo com H.S. James, na linguagem da economia, confiança pode ser vista como expectativa e permite que se tomem ações arriscadas num ambiente caracterizado por incerteza ou informações incompletas. “Dizer ‘A confia em B’ significa que A espera que B não explore a vulnerabilidade que A criou para si próprio ao tomar a ação”. (JAMES, 2002)

Já em áreas mais relacionadas com a abordagem pretendida, para Rousseau, Sitkin, Burt e Camerer (1998, p.395) é um estado psicológico no qual se aceita a vulnerabilidade baseada nas expectativas positivas de como o outro pretende agir, enquanto “Numa perspectiva sociológica, confiança é definida como um conjunto de expectativas compartilhadas por todos os envolvidos em uma troca” (ZUCKER,1986)

Já Giddens (1991, p.41) define confiança como "crença na credibilidade de uma pessoa ou sistema tendo em vista um dado conjunto de resultados ou eventos em que essas crença expressa uma fé na probidade ou amor de um outro, ou na correção de princípios abstratos". Logo, como desenvolver este tipo de relação online, através de uma rede de hospitalidade? Como criar familiaridade e confiança com totais estranhos?

Para pensar nesta questão, faz-se importante salientar a mudança na forma como “estranhos” são vistos na sociedade. No mundo moderno, em um momento em que se buscava construir uma identidade, quando as incertezas eram repudiadas na intenção de chegar-se a nova ordem, superior porque homogênea (Bauman, 1997), o estranho era tido como um obstáculo a esta proposta. Já na visão pós-moderna, em que não mais se tenta abrandar as

incertezas e os diferentes modos de vida são tomados como inerentes a própria existência na contemporaneidade, o outro deixou de ser visto como um forasteiro, perturbador da ordem local. O *estranho*, antes rejeitado, hoje é indispensável à dinâmica social.

[...] enquanto os estranhos modernos tinham a marca do gado da aniquilação, e serviam como marcas divisórias para a fronteira em progressão da ordem a ser construída, os pós-modernos, alegre ou relutantemente, mas por consenso unânime ou por resignação, estão aqui para ficar [...] Se a esquerda e a direita, os progressistas e os reacionários do período moderno concordam em que a estranheza é anormal e lamentável, e em que a ordem do futuro, superior (porque homogênea), não teria espaço para os estranhos, os tempos pós-modernos estão marcados por uma concordância quase universal de que a diferença não é meramente inevitável, porém boa, preciosa e precisando de proteção, de cultivo (BAUMAN, 1997 p. 43 e p. 44).

Essa aceitação do estranho na sociedade pós-moderna, a partir do reconhecimento da positividade das diferenças, abre caminho para criação da confiança entre desconhecidos. Outra transformação no perfil do cidadão a ser considerada, diz respeito à relação entre segurança e liberdade e, conseqüentemente, entre risco e confiança.

A confiança está então sempre atrelada à incerteza, à imprevisibilidade e a falta de controle sobre alguém ou alguma situação. Sztompka ressalta este aspecto da vida em sociedade, já que temos que coexistir, coordenar nossas ações e mesmo cooperar com outros, sem que saibamos as motivações e os pensamentos dos nossos similares. Nesta interação, necessariamente criam-se expectativas em relação às ações do próximo, no entanto não há como de fato prever, e na liberdade de escolha, de agir como desejam, as decisões podem ser diferentes do esperado, de modo que sempre corremos riscos nas relações sociais e confiar torna-se estratégia crucial de lidar com nossa falta de poder de controlar e prever o futuro. (SZTOMPKA, 1999)

Se outrora a crença era de que através da segurança chegava-se à felicidade, sendo aceitável abrir mão da liberdade em benefício desta, estes valores se inverteram, e hoje “ser livre” é o que há de mais importante. Para Giddens (1991, p. 43) “pode-se definir ‘segurança’ como uma situação na qual um conjunto específico de perigos está neutralizado ou minimizado.”, o que pressupõe um equilíbrio entre confiança e risco aceitável. A confiança deriva da fé, é o elo entre esta e a crença, e baseia-se, no caso dos agentes humanos, na probidade. É “um dispositivo para se lidar com a liberdade dos outros”(GAMBETTA apud GIDDENS, 1991, p.40) e está relacionada à ausência no tempo e no espaço, já que, se possível fosse acompanhar todas as atividades e pensamentos das pessoas, não seria necessário confiar em ninguém, e a segurança não dependeria da análise dos riscos aceitáveis

em contraponto com uma confiança que é, de certa forma, sempre cega. (GIDDENS, 1991, p. 40-43)

Desta forma, no presente momento temos um cidadão que mais do que aceita o estranho, reconhece-o como de grande valor para a sociedade, e disposto a assumir riscos por ter como prioridade a liberdade. Transferindo estas características para o turista, não é difícil entender porque Bauman o aponta como “herói da pós-modernidade”.

O turista busca no estrangeiro, no estranho, experiências mais excitantes do que o maçante dia-a-dia do lar, mas a facilidade da decisão de abandoná-lo está exatamente na confortadora certeza de poder voltar, se preciso. Para ele o turista lança raízes apenas superficiais, impelido por suas necessidades e sonhos, mudando de lugar quando lhe é conveniente, seja por já não haver diversão neste ponto, ou por outro parecer-lhe mais interessante. Nomeando esta aptidão como liberdade, autonomia ou independência, a idéia é não perder o controle, embora a sensação de tê-lo não seja uma forma de sentir-se seguro, mas sim um “controle situacional”, garantindo o poder de decidir seus destinos pelo mundo - este “infinitamente flexível, dócil e esboroável” para o turista. (BAUMAN, 1997, P.114 - 115)

No entanto, este trabalho pretende abordar um turista em especial, que busca ir além da superficialidade da experiência turística como descrita por Bauman.

3. CONFIANÇA, HOSPITALIDADE E OS INTERCÂMBIOS DE HOSPITALIDADE

O perfil diferenciado do intercambista de hospitalidade está desde a tomada de decisão de ingressar em uma rede como esta. Isto porque definitivamente não são todos que estão dispostos a fazer parte de uma comunidade em que os membros se propõe a abrir suas casas para hospedar desconhecidos.

Dentre as categorias de turistas criadas pelo psicólogo Stanley Plog partir da diversidade dos perfis pessoais, este estaria certamente classificado como alocêntrico. Com origem em *allo* (“variado em sua forma”), designando um perfil aventureiro, com gosto por experiências variadas e inesperadas, se opõe ao psicocêntrico, de *psyque* (“si mesmo”), que define aquele de características mais inibidas, sem grande afã por aventuras. (CHON, SPARROWE, 2003)

De acordo com Plog, a escolha das destinações tem paralelo direto com esta tipologia do turista. Se por um lado o viajante alocêntrico busca vivenciar culturas e conhecer costumes

exóticos, em uma postura de “turista aprendiz”², motivado pela necessidade de interagir com outras culturas e da sensação de descoberta, o psicocêntrico limita suas experiências ao perímetro de destinos próximos e populares. Não deixa de querer situações novas, mas precisa sentir-se protegido (CHON, SPARROWE, 2003)

Da mesma forma, pode-se pensar na escolha da hospedagem desta maneira. A satisfação de cada hóspede, de cada turista, dá-se em face de diferentes motivações, em função dos diferentes perfis existentes. Se para uma pessoa alojar-se na casa de um desconhecido, relacionar-se com um morador local diretamente e dele saber mais sobre a localidade visitada é uma experiência fabulosa, para outro, para o qual o meio hoteleiro seja mais adequado, aquela pouca privacidade, a falta de serviços especializados de hospedagem e de alguns confortos, não seja nada atrativa.

Desta forma, o turista psicocêntrico teria preferência por hotéis, resorts, por serem previsíveis e, ao menos aparentemente, mais seguros. Por outro lado, ao turista aloccêntrico, pareceria mais atraente a oportunidade da convivência e da troca social, proporcionadas por ambientes menos formais, como albergues e hospedagens domiciliares- aí incluídos os sistemas de troca de casa, de intercâmbio de hospitalidade e *bed and breakfast*.

De acordo com o *site Hospitality Club*, a idéia do intercâmbio de hospitalidade é abrir sua casa para um viajante desconhecido, gerando benefícios para ambos: para o hóspede que se insere mais na cultura que está visitando do que se estivesse em um hotel; e para o anfitrião que amplia seu horizonte ao conhecer e ajudar pessoas de todo o mundo. Acredita-se que em longo prazo esses encontros possam levar a um melhor entendimento intercultural, reduzir preconceito e intolerância e talvez ajudar a construir fundações de paz pelo planeta.

Esta convivência do visitante com o morador local altera o perfil do turista capaz da “façanha de não pertencer ao lugar que podem estar visitando”, de realizador do “milagre de estar dentro e fora do lugar ao mesmo tempo”, como Bauman descreve-o em “O Mal-Estar da Pós-Modernidade” (1997. p. 114). Entre os objetivos dos intercâmbios de hospitalidade está exatamente criar um vínculo mais forte com a localidade e construir relações mais que epidérmicas com as pessoas dos lugares. Este turista está também distante do pós-turismo de Molina (2003), que tem entre suas possíveis características um isolamento em relação à população local, rompendo com um pressuposto original do turismo relação entre pessoas de diferentes países, regiões ou cidades.

² Terminação criada por Mário de Andrade, associa as viagens com a prática educativa não-formal. (GOMES, 2008)

O intercâmbio de hospitalidade aproxima-se da visão “romântica” do turismo, resgatando os ideais de promoção da paz pelas relações interculturais. O morador é de fato anfitrião, deixando a receptividade profissional. A relação é social e não comercial. O viajante que se hospeda desta maneira pode ser visto como um “Turista Aprendiz”, delineado por Mário de Andrade em coluna publicada entre 1927 e 1929 no diário de São Paulo. Uma abordagem diferencial da atividade turística, na qual o turista é tido como “convidado” e não como “forasteiro” (GOMES, 2008).

Para o senso comum, para o turista psicocêntrico, a idéia pode parecer loucura, um risco muito grande para os dois lados. Sem referências palpáveis, sem um encontro pessoal, sem amigos em comum, como saber se aquela pessoa é quem de fato diz ser, se não representa perigo, ou mesmo se existe?

Segundo Bialski e Bartoviski (2009, p.178), que levantam essas questões no texto “*From the online familiarity to the offline trust*”, os membros de redes de intercâmbio de hospitalidade têm uma predisposição a confiarem uns nos outros, por estarem inseridos no mesmo contexto e compartilharem uma mesma ideologia. Isso porque, em teoria, só se inscrevem nesses *sites* pessoas com as boas intenções a que estes se propõem.

A familiaridade é criada *online* através do perfil exposto, a auto-apresentação que cada membro deve criar o mais completa possível, com fotos, gostos, interesses, costumes, etc, a partir da qual o processo de identificação cresce. Além disso, a maioria destes *sites* permite que sejam deixadas referências e votos de confiança no perfil de outros membros. É possível então ver a opinião de outras pessoas sobre o membro, contribuindo para o grau de confiabilidade deste. (BIALSKI, BARTOVISKI, 2009)

O complemento é o conhecimento ao vivo, quando a familiaridade criada *online* se metamorfoseia na confiança *offline*. (BIALSKI, BARTOVISKI, 2009). E esse encontro que possibilita o desenvolvimento do sistema, já que a partir do encontro *face-to-face* o hóspede e o anfitrião podem deixar comentários no perfil do outro, colaborando para a construção de suas reputações. (MOLZ, 2009). Além disso, em alguns *sites* existem serviços de verificação da identidade do membro e dicas de como ser cauteloso.

Através destes sistemas segue-se uma lógica bastante comum que é hospedar-se na casa de moradores do destino visitado, afinal “ficar alojado na casa de conhecidos é um das primeiras opções de quem viaja [...] predominando a motivação de amizade, família e outros laços sociais”(Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2008), no entanto inverte o processo. Não é raro que hóspede e anfitrião sejam convertidos em amigos, mas este processo se dá ao

longo da permanência do turista, enquanto na maneira tradicional de hospedagem em domicílio a relação de amizade já está estabelecida antes da viagem.

Desta forma, de acordo com as estatísticas do *CouchSurfing*, o maior *site* do tipo, com 1.841.643 membros, já foram criadas 2.135.931 amizades e as experiências positivas são 4.808.216, o que representa 99.762% do total.³ Esses dados comprovam que essa idéia de sucesso para muitos aparentemente improvável tem funcionado mais do que bem.

Nas estatísticas, o reflexo do sucesso da iniciativa e, no lema, a expressão da ideologia dos membros - “*Participate in creating a better world, one couch at a time*”⁴, desenvolvendo este caminho de construção de um mundo melhor na missão oficial “*CouchSurfing seeks to internationally network people and places, create educational exchanges, raise collective consciousness, spread tolerance, and facilitate cultural understanding.*”⁵

Já o *Hospitality Club*, outra rede de grande destaque, em seu slogan busca a identificação com os possíveis novos membros, primeiro passo para a criação da confiança entre eles: “*Do you love meeting people from other cultures? Do you love traveling? Do you love helping other people? Then this is the place for you to be!*”⁶. A idéia de unir pessoas funciona mesmo como um slogan “*Hospitality Club... bringing people together*”⁷.

Embora as redes de intercâmbio de hospitalidade, sejam anteriores à pós-modernidade, as especificidades do período – ênfase na liberdade, reconhecimento da importância do estranho, não fixidez em relação ao espaço e a identidade – e o advento da internet possibilitaram o *boom* atual, resolvendo problemas simples como dificuldade de impressão de lista de anfitriões, coleta de taxas, e o fundamental: espalhar a idéia.

A primeira organização a buscar a paz através da hospitalidade foi a *Servas International*, fundada em 1949, por Bob Luitweiler, como uma associação internacional, multicultural, multirracial, não-governamental e não lucrativa pela paz. Hoje funciona *online*, mas tem algumas diferenças em relação à maioria dos intercâmbios de hospitalidade, exigindo uma entrevista com um membro da organização para nela ingressar, por exemplo, enquanto em geral o processo é totalmente *online*.

³ *Couchsurfing*. Disponível em www.couchsurfing.com. Acesso em: 02 de maio de 2010.

⁴ Participe da criação de um mundo melhor, um sofá de cada vez. (tradução própria).

⁵ “*Couchsurfing* busca unir internacionalmente pessoas e lugares, criar intercâmbio educacional, cultivar a consciência coletiva, espalhar tolerância e facilitar o entendimento cultural” (tradução própria)

⁶ “*Você ama conhecer pessoas de outras culturas? Você ama viajar? Você ama ajudar os outros? Então este é o lugar para você!*” . Tradução própria.

⁷ “*Hospitality Club... unindo pessoas.*” Tradução própria.

Servas cujo nome vem do esperanto e significa *servir*, possui forte apelo ideológico, até mesmo pelo contexto de pós-guerra em que surgiu, e objetiva formar “seguidores da paz”, abrindo mais do que portas: abrindo mentes. Baseando-se no pensamento de Mahatma Gandhi “*The best way to find yourself is to lose yourself in the service of others.*”, convida-nos a participar do projeto, a sonhar com os membros *Servas*: “*Become a part of a community of global peace-seekers. Learn a new way of speaking, traveling and listening.*”⁸.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As propostas encontradas nas redes de intercâmbio de hospitalidade parecem por vezes insensatas e pouco prováveis de se tornarem reais, a um primeiro olhar.

A intenção é mudar não só a maneira de viajar, mas também a forma de relacionar-se com o mundo. Mais do que hospedagem gratuita, mais do que abrir as casas, a proposta em questão é de abrir a mente dos participantes para o conhecimento proporcionado pelo intercâmbio cultural. Os membros identificam-se com o objetivo da rede, e a missão pessoal de cada membro recai com considerável frequência na questão da interação com outras culturas.

Olhando um pouco mais a fundo para estas organizações, percebe-se não serem as proposições tão absurdas. Quando se considera o número de pessoas que participam desses projetos – o *CouchSurfing* recebe mais de mil inscrições por dia -, embora claro que não todos comprometidos com o ideal, havendo sem dúvida um percentual atraído unicamente pela possibilidade de viajar gratuitamente, é preciso pensar o que faz com que acreditem e “comprem” a idéia.

Opondo-se ao pós-turismo, que preza pela base tecnológica em detrimento do contato com a população local (MOLINA, 2003) esta vertente do turismo pós-moderno tem na interação entre os povos seu principal foco.

Esse intercâmbio sócio cultural se dá de forma mais completa exatamente porque esse turista está predisposto a aproximar-se de fato do outro, e deixa de vê-lo simplesmente como estranho, criando uma relação de familiaridade antes mesmo do encontro ao vivo.

A partir do momento em que se vêem inseridos em um mesmo contexto, em uma mesma ideologia, acredita-se que o próximo tem o seu mesmo comprometimento, e a confiança se desenvolve naturalmente.

⁸ “A melhor maneira de se encontrar é perder-se na assistência dos outros”; “Seja parte de uma comunidade global de seguidores da paz. Aprenda um novo jeito de falar, viajar e ouvir.” Tradução própria.

A questão deste turismo como forma de união entre os povos e, conseqüentemente, caminho para o desenvolvimento da paz, não é um ponto evidente para o viajante. Não se pensa nesse aspecto com a mesma clareza que na forma de troca cultural que uma viagem realizada deste modo acarreta.

No entanto, abrir as portas e cabeças para este tipo de interação é uma forma de contribuir para o entendimento entre os povos, pela ausência de preconceito, desejo de colaborar e de dividir conhecimento com o próximo, o que inconscientemente colabora, ainda que minimamente, para o objetivo maior – e a princípio aparentemente megalomaniaco – de fazer do fenômeno turístico “novamente” embaixador da paz.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRETO, Margarita. 2004. Relações entre visitantes e visitados: um retrospecto dos estudos socioantropológicos. **Turismo em Análise**. São Paulo: ECA/USP, v.15. n.2. p.133-149.

BARTORSKI, Dominik, BIALSKI, Paula. From Online Familiarity to Offline Trust: How a virtual community creates familiarity and trust between strangers, *In ZAPHIRIS*, Panayiotis; ANG, Chee Siang. **Social Computing and Virtual Communities**. Boca Raton: Chapman & Hall, 2009. 285 p.

BAUMAN, Zygmunt. **O Mal-Estar da Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1997.

CHON, Kye-Sung Kaye, SPARROWE, Raymond. **Turismo e Hospitalidade: Conceitos e Aplicações**. São Paulo: Thomson, 2003.

CouchSurfing. Disponível em: <www.couchsurfing.org>. Acesso em: mai/jun/jul. 2009.

CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. Hospitalidade Urbana e Fenômeno Turístico no Brasil: considerações gerais. *In DIAS, Celia Maria de Moraes (org.)*. **Hospitalidade, Reflexões e Perspectivas**. Barueri: Manole, 2002. 164 p.

GIDDENS, Anthony. **As Conseqüências da Modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

GOMES, Cristina Marques. **Itinerantes - Transformando Rumos: Apontamentos sobre um Possível Turista Aprendiz**" NO V SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO. Belo Horizonte, 2008

GUIMARÃES, Vera Maria. **O Turismo Moderno e o Turismo Pós-Moderno: considerações teóricas**. In: IV SEMINÁRIO DE PESQUISA EM TURISMO DO MERCOSUL: TURISMO RESPONSABILIDADE SOCIAL E AMBIENTAL. Caxias do Sul, 7 e 8 de julho de 2006.

Hospitality Club. Disponível em: <www.hospitalityclub.org>. Acesso em: mai/jun.2009

H.S, JAMES Jr. The Trust Paradox: A Survey of Economic Inquiries into the Nature of Trust and Trustworthiness. *Journal of Economic Behavior and Organization*, 2002.

MOLINA, Sergio. **O Pós-Turismo**. São Paulo: ALEPH, 2003.

MULDER, Haico; VIGUURS, Tomas. **Reinventing Hospitality Networks: Research into the impact of a changing environment on the future of hospitality networks**, 2001.

Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro/ Secretaria Especial de Turismo. **Hospedagem Domiciliar: Turismo Integrado e sustentável**. Coleção Turismo do Rio. Rio de Janeiro, 2008.

ROUSSEAU, D.M; SITKIN, S.B; BURT, R.S et CAMERER, C. Not So Different After All: A Cross-discipline View of Trust. *Academy of Management Review*, 1998.

Servas International. Disponível em:<www.servas.org>. Acesso em: mai.jun.2009.

SZTOMPKA, Piotr. **Trust: a sociological theory**, 1999.

ZUCKER, L.G. Production of Trust: Institutional Sources of Economic Structure, 1840-1920. *Research in Organizational Behavior*, 1986.